

A “PRATELEIRA HIPOTÉTICA”



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES

IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA

SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

JORGE VICENTE VALENTIM

A “PRATELEIRA HIPOTÉTICA”:

*Seis propostas da novíssima
ficção portuguesa para o atual
milênio (2000-2022)*

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
BIBLIOTECÁRIA: MARIA LÚCIA NERY DUTRA DE CASTRO – CRB-8ª / 1724

V234 p Valentim, Jorge Vicente
A “prateleira hipotética” : seis propostas da novíssima ficção portuguesa para o atual milênio (2000-2022) / Jorge Vicente Valentim. – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2024.

1. Ficção portuguesa. 2. Literatura portuguesa – Sec. XXI. 3. Estética na literatura. I. Título.

CDD – 869
– 869.5
– 801.93

ISBN 978-85-268-1632-9

Copyright © by Jorge Vicente Valentim
Copyright © 2024 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste livro são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

DEDICATÓRIA

A Luci Ruas,

Mestra de hoje e de sempre, por aquela aula iniciática e arrebatadora do Canto V d’Os *Lusíadas*, em maio de 1989, na UFRJ, porque foi graças a ela que um jovem estudante saiu dos fundos da sala com um livro na mão, foi recebido com um sorriso pela professora e viu se abrir diante dele um universo do qual ele jamais poderia se afastar. A partir daí, a admiração, a cumplicidade, a amizade, o carinho e a gratidão sempre pautaram as nossas conversas e trocas de ideias. Porque foi também graças à generosidade da amiga (e, em muitos momentos, da mãe), que consegui as condições financeiras para prestar o concurso na UFSCar. Mas, sobretudo, porque foi sempre o seu exemplo de mestra o meu modelo de profissional a atingir, mesmo sabendo que isso seria uma tarefa difícil e praticamente impossível. O que dizer? Reconhecendo que “muito obrigado” soa tão diminuto à minha gratidão, recorro às palavras do poeta Luís de Camões, que transmitem de forma exata o meu sentimento: “Porque é tamanha bem-aventurança / O dar-vos quanto tenho, e quanto posso, / Que quanto mais vos pago, mais vos devo”.¹ Bem haja, querida mestra, amiga e mãe.

A Heber Tavares,

Amigo, namorado, marido, confidente, amor. Tudo isso e muito mais. Por aquele encontro inesperado em 26 de dezembro de 2003, que nos juntou para toda uma vida. Por tantas histórias vividas e tantos caminhos trilhados. Por acreditar nas minhas loucuras e por deixar meus pés firmes no chão, sempre ao meu lado. O que dizer? Com medo de não conseguir articular as palavras necessárias, convoco os versos do poeta Albano Martins, que, com uma

técnica de concisão singular, conseguiu resumir e exprimir, em *Livro quarto*, aquilo que de certa forma tem sido também a nossa trajetória: “Eu penso / porque tu existes”.² Obrigado por viver e experimentar comigo, da juventude à maturidade, a aventura do amor.

NOTAS

¹ Camões, 1988, p. 88.

² A. Martins, 2021, p. 371.

HOMENAGEM

Aos amigos:

Poeta Albano Martins (*in memoriam*), Kay e Isabel, minha família portuguesa, pelos inúmeros gestos de apoio e carinho, seja no acolhimento em sua residência, seja no envio de textos e obras fundamentais para as minhas investigações. Em todos os momentos, a residência em Vila Nova Gaia sempre foi um porto seguro aonde chegar. Como no poema “Andorinhas”, de *O espaço partilhado*, sempre que lá chego, ouço, já na calçada e ainda nas paredes, nas escadas, nos quadros e nas suas linhas arquitetônicas, a voz do poeta estampada num convite contínuo: “Entrai, entrai: a casa é vossa e tenho inscrita à entrada a palavra amizade”.¹ Exatamente isso. Amizade feita de cumplicidade, admiração e respeito mútuos.

NOTA

¹ A. Martins, 2021, p. 275.

AGRADECIMENTOS

A Acleir Moraes Valentim (*in memoriam*), minha mãe, pelos primeiros livros e pelo despertar da paixão pela leitura.

A Dione Moraes Valentim, minha irmã, pela coragem de afirmar o amor que ousa dizer o seu nome, sem medo, sem remorsos, sempre com orgulho, confiança e esperança, e de ter enfrentado uma doença mortal e vencido com fé na ciência e com disciplina no dia a dia.

A Tânia Pellegrini, por ter sido a pioneira nos estudos literários na UFSCar e ter acreditado na reunião de professores e pesquisadores interessados em levar adiante o trabalho de divulgação e fomento à leitura de jovens investigadores. Pelos exemplos de generosidade como ser humano e de ética como profissional.

A Isabel Pires de Lima, pela generosidade na partilha do conhecimento, pelo abrigo dado à minha pesquisa de pós-doutorado, quando outros fecharam as portas, e pela amizade feita primeiro a partir da leitura dos seus textos e depois pelo companheirismo e pelas orientações na minha jornada de investigação.

A meus professores de literatura portuguesa na UFRJ, pelas lições de dedicação e amor ao magistério e ao ofício da pesquisa.

A Helena, Heliane e Larissa, pela amizade feita em forma de acolhimento, afeto e respeito. Pela construção de uma família, sem preconceitos, sem melindres e sem questionamentos.

A André e Manaíra, irmãos que os tempos de pesquisa em Portugal me deram. Pela primeira leitura dos rascunhos, pelos diálogos tecidos ao longo das minhas inquietações e pela amizade incondicional, dando-me a esperança de que ainda é possível acreditar na vida.

A Gabriela Silva, amiga que a ficção portuguesa me deu, pesquisadora competente e brilhante. Pela parceria nos cursos de extensão e no compartilhamento de afinidades e, sobretudo, pela sintonia numa paixão comum: o ensino da literatura portuguesa no Brasil.

A Israel Baffa, Amanda Cândido e Karen Pierri, profissionais das áreas de educação física, psicoterapia e fisioterapia, pelos inúmeros encontros diários e pelas horas a fio, gastas, durante o período da pandemia, na esperança e na compreensão de que uma mente sã precisa de um corpo sã.

Aos(às) escritores(as) Afonso Reis Cabral, Alexandra Lucas Coelho, Hugo Gonçalves, Isabel Rio Novo, João Tordo e Patrícia Reis, além dos(as) demais aqui chamados(as) em análises, pelas energias renovadas e pelas esperanças inspiradoras, advindas das obras escritas e publicadas ao longo destas duas décadas do século XXI. Graças aos textos, a nossa aproximação tornou-se concreta em gestos de uma fraternidade sincera e de uma sintonia incansável num possível amanhã.

Aos(às) queridos(as) Brunno Vinicius, Carlos Roberto, Célia Vasconcelos, Clara Capitão, Clarice Assad, Claudimar Silva, Daniel Laks, Erivelto Reis, Fábio Mário, Helena Pereira, Helena Vasconcelos, Jane Felipe, Larissa Lisboa, Leonor Sousa, Maximiliano Torres, Mercival Francisco, Silvia Del Lama, Teresa Nascimento, Vasco Silva e Vivian Furlan, pelos momentos atenciosos de indicação de leituras, partilha de textos, ajuda na localização de referências, confidencialidade, sintonia, intimidade e diversão, que, muitas vezes regados a queijos e vinhos ou apenas concretizados na tela do notebook, acabaram desencadeando conversas sérias em torno de temas acadêmicos e cotidianos.

A Gabriel Gama, pelo olhar atento na primeira revisão do texto, pela paciência em atender às minhas demandas e pelo profissionalismo no cumprimento das datas.

Aos meus alunos e orientandos dos cursos de extensão, graduação e pós-graduação da UFSCar, pelo companheirismo nas jornadas cotidianas e pela partilha de cumplicidades literárias.

Ao CNPq, pela concessão de Bolsa Produtividade, cujo auxílio foi fundamental para construir uma parte significativa das reflexões aqui contidas.

À Fapesp e à Capes, pelos auxílios concedidos, ao longo de 16 anos na UFSCar, para realização de pesquisas e participação em eventos no Brasil e no exterior.

Aos professores Wilton José Marques, Jorge Fernandes da Silveira, Renata Soares Junqueira, Simone Pereira Schimidt e Teresa Cristina Cerdeira, pelas importantíssimas contribuições e lições, tanto na minha trajetória profissional, como pesquisador e professor da UFSCar, quanto na minha jornada pessoal, com trocas, sugestões e diálogos.

A toda a equipe da Editora da Unicamp, pela paciência constante diante das minhas inseguranças e pelo trabalho impecável na editoração deste livro.

Ao rio Douro, em cujas margens, mais uma vez e sempre, pude meditar sobre as páginas deste livro.

A todos(as) que, de alguma maneira, contribuíram direta ou indiretamente para este momento, minha sincera gratidão pelo apoio incondicional ao homem e ao profissional que sou hoje. Bem hajam!

As coisas que a literatura pode buscar e ensinar são poucas, mas insubstituíveis: a maneira de olhar o próximo e a si próprios, de relacionar fatos pessoais e fatos gerais, de atribuir valor a pequenas coisas ou a grandes, de considerar os próprios limites e vícios e os dos outros, de encontrar as proporções da vida e o lugar do amor nela, e sua força e seu ritmo, e o lugar da morte, o modo de pensar ou de não pensar nela; a literatura pode ensinar a dureza, a piedade, a tristeza, a ironia, o humor e muitas outras coisas assim necessárias e difíceis.

Ítalo Calvino, *Assunto encerrado – Discursos sobre literatura e sociedade*, 2009, pp. 13-14.

Porque não se negará que, também no terreno da ensaística, escolher é ato de amor, incluindo aí as épocas, os autores, as personagens, os temas ou as estratégias de composição. É como ato amoroso que a leitura constrói a biblioteca, que fica quase à espera da fala ou da escrita que a relançará no jogo contínuo das fricções textuais.

Teresa Cristina Cerdeira, *A mão que escreve. Ensaios de literatura portuguesa*, 2014, p. 51.

SUMÁRIO

Nota do autor	17
Introdução (ou Das primeiras inquietações)	19
Capítulo 1 – LEVEZA – Da distopia pandêmica ao horizonte da amizade: <i>Da meia-noite às seis</i> , de Patrícia Reis.....	55
Capítulo 2 – RAPIDEZ – Do tempo que se dilui, do ano que se fixa e da memória que tudo absorve: <i>Deus Pátria Família</i> , de Hugo Gonçalves.....	109
Capítulo 3 – EXATIDÃO – Do erótico como revolução ao ecofeminismo: <i>A nossa alegria chegou</i> , de Alexandra Lucas Coelho	185
Capítulo 4 – VISIBILIDADE – De imagens visivas e de personagens “ex-cêntricas”: <i>Pão de Açúcar</i> , de Afonso Reis Cabral	241
Capítulo 5 – MULTIPLICIDADE – Do romance como enciclopédia e museu imaginário: <i>Rua de Paris em dia de chuva</i> , de Isabel Rio Novo	315
Capítulo 6 – CONSISTÊNCIA – De como iniciar e concluir uma “história de fantasmas”: <i>Felicidade</i> , de João Tordo.....	407
Conclusão – (ou De quando é preciso finalizar, mesmo sabendo que o fim é improvável)	515
Referências bibliográficas.....	531

NOTA DO AUTOR

Este trabalho investigativo e ensaístico foi pensado, gestado e escrito nos meses mais acirrados da pandemia de covid-19 no Brasil e do aparecimento de novas variantes e no subsequente início do processo de vacinação, durante os anos de 2020 e 2022, juntamente com manifestações de atos antidemocráticos, ameaçando a autonomia do pensamento acadêmico-científico e o Estado de Direito. Concluí-lo em tempo hábil e permanecer vivo constituem gestos de resiliência num Brasil marcado pelo medo, pela incerteza, pela perseguição à ciência e à educação e pelo negacionismo. Afirmar a potência das obras aqui elencadas revigora a minha esperança num futuro melhor, no qual a palavra possa circular livremente.

São Carlos, 31 de janeiro de 2023.

INTRODUÇÃO

(OU DAS PRIMEIRAS INQUIETAÇÕES)

Os livros podem não alterar nosso sofrimento, os livros podem não nos proteger do mal, os livros podem não nos dizer o que é bom e o que é belo, e certamente não terão como nos livrar do destino comum – a tumba. Mas os livros nos abrem miríades de possibilidades: de mudança, de iluminação. Pode bem ser que nenhum livro, por mais bem escrito que seja, consiga remover um grama de dor da tragédia do Iraque ou de Ruanda, mas pode bem ser que não haja livro, por mais mal escrito que seja, que não contenha alguma epifania para algum leitor.

Alberto Manguel, *A biblioteca à noite*, pp. 192-193.

A operação de um escritor é tanto mais importante quanto mais a prateleira ideal em que ele gostaria de se situar é uma prateleira ainda improvável, com livros que não estamos acostumados a pôr um ao lado do outro e cuja proximidade pode produzir choques elétricos, curtos-circuitos.

Ítalo Calvino, *Assunto encerrado*, p. 191.

Há 57 anos, em 1967, numa resposta a um inquérito sobre os destinatários das obras literárias (romance e poesia, mais precisamente), Ítalo Calvino¹ teceu uma série de considerações sobre o papel do autor, da obra e do leitor e os diferentes caminhos estéticos e políticos que as três partes envolvidas acabavam por despertar e desenvolver para sua existência e consolidação. Esse conjunto acabou por resultar num dos mais significativos textos do autor sobre a matéria literária do século XX: “Para quem se escreve? (A prateleira hipotética)”.

Atento às principais tendências das literaturas europeias (em especial à do seu país, que sempre conheceu muitíssimo bem), o ensaísta italiano constrói um percurso breve e sintético dos caminhos percorridos pela ficção do seu tempo e sublinha, dentre estes, a abordagem histórico-política dos anos 1940, o olhar corrosivo de um certo moralismo civil diante das experiências historicistas dos anos 1950 e as demandas de uma perspectiva desconstrucionista diante das novas linhas pós-estruturalistas dos anos 1960.

Ou seja, investigando as ocorrências anteriores e contemporâneas ao seu tempo de reflexão, Ítalo Calvino propõe uma compreensão das diversas manifestações literárias a partir da metáfora da “prateleira hipotética”,³ espécie de espaço imaginário, onde o autor e o leitor poderiam incluir aqueles livros considerados mais importantes e, na consolidação desse conjunto, instituir um modelo de receptor ideal, capaz de acompanhar os seus gostos e as suas preferências.

Na verdade, num primeiro momento, poder-se-ia conjecturar que Calvino apela excessivamente para a presença de um conjunto em que essas preferências ultrapassam o puro desejo individual de cada autor, porque esbarram numa exigência coletiva, posto que a “prateleira ideal” encarnaria e corporificaria a própria noção de *cânone*. No entanto, numa observação mais atenta, no lugar de aceitar a prateleira como um *locus* petrificado e estático, sem possibilidade de trânsito e de alterações, a sua tese supera esse tipo de pensamento conformista e advoga uma dinâmica de oscilações e de permutas dentro dessa “prateleira hipotética”:

Para quem se escreve um romance? Para quem se escreve uma poesia? Para pessoas que leram determinados outros romances, determinadas outras poesias. Um livro é escrito para que possa ser posto ao lado de outros livros, para que entre numa prateleira hipotética e, ao entrar nela, de alguma forma a modifique, expulse dali outros volumes ou os faça retroceder para a segunda fileira, reclame que se coloquem na primeira fileira certos outros livros.³

Não à toa, ao enfatizar o papel da literatura em poder perpetuar a confirmação de nomes de autores, pertencentes aos grupos formadores de cânones, com “limitadas atualizações e aprofundamentos”⁴ diante da constatação de que, em diferentes épocas, sistemas literários e sociedades, há “estabelecido um determinado cânone estético, um determinado modo de interpretar o mundo, uma determinada escala de valores morais e sociais”;⁵ Calvino não deixa de reiterar o papel fundamental do escritor diante desse tipo de juízo condicionante e, em contrapartida, a sua própria condição reivindicadora, posto que, em muitos casos, ele também é o produtor de obras capazes de “questionar a escala dos valores e o código dos significados estabelecidos”.⁶